

Virtude: torna melhor o homem e ótima a sua ação!

Prof. Dr. Paulo Faitanin/UFF



Virtude

1. O que é virtude: Denomina-se *virtude* o hábito operativo bom [STh.I-II,q55,a3,c] e *vício* o hábito operativo mau [STh.I-II,q71,a1,c]. Hábito é ação voluntária e livre que se repete. A virtude como disposição habitual reveste a natureza de quem opera, de tal modo, que imprime nela uma *força*, daí virtude, de difícil remoção, que realiza melhor a perfeição que existe na natureza e torna melhor a operação de quem a possui [CG.I,37,n2;STh.I-II,q20,a3,obj2;STh.II-II,q55,a3,sc]. Por isso, a virtude torna melhor quem a possui e dispõe quem a possui para a boa operação [CG.IV,7;STh.I-II,q55,a1,c;STh.II-II,q144,a1,c;CG.I,92]. Mas o mesmo se diz do *vício* que, sendo um hábito mau, imprime na natureza de quem o possui, uma má disposição, enquanto lhe priva de algum bem ou perfeição natural. Este hábito é de difícil remoção e cada vez mais pela força que adquire dificulta e até impossibilita a realização ou a aquisição de algum bem ou perfeição natural próprio ou que lhe convenha. Este hábito porque opera contra a natureza é anti-natural. E porque este hábito se realiza mediante algum ato, operação, diz-se que sua repetição torna pior o ato e, por sua vez, a natureza de quem possui este hábito mau.

2. A virtude aperfeiçoa quem a possui: De qualquer maneira, é mais fácil adquirir um hábito bom do que remover um hábito mal, justamente por causa da influência das paixões sobre o voluntário; e isso se confirma ao constatarmos que as paixões são iminentes e muito dependentes, frente àquilo que as experiências sensíveis, rotineiramente, nelas causam inclinação ou aversão. São propriedades das virtudes: (1) ser o justo meio termo entre o excesso e a deficiência; (2) tornar a ação fácil e deleitável; (3) relacionar-se com outras virtudes e com o fim último e (4) não se verter em mal. As virtudes morais são adquiridas pela repetição dos atos. Regra que, também, vale e se aplica aos vícios. Neste sentido temos: o ato repetido gera o hábito e o hábito, segundo o bem ou o mal, gera ou a virtude ou o vício. E porque a ação humana pode ser a nível especulativo ou prático, há, por isso, os hábitos especulativos e os práticos e, do mesmo modo, as virtudes e os vícios especulativos e práticos.

3. Tipos de virtudes: Falemos, pois, dos tipos de *virtudes*. As virtudes se dividem em *virtudes intelectuais*, que pelo hábito dos princípios da razão teórica,

adquirem ou realizam algum bem ou perfeição do intelecto; e em *virtudes morais*, que pelo hábito dos princípios da razão prática, adquirem ou realizam algum bem ou perfeição da vontade e dos apetites sensíveis que são: concupiscível e irascível. **As virtudes intelectuais** se dividem em *especulativas* e *práticas*. A virtude intelectual *especulativa* inclina o intelecto, perfeitamente, para a *verdade* universal e são três: o *intelecto* (hábito dos primeiros princípios especulativos, que orienta o homem para a verdade, evitando o erro e o engano), a *sindéresis* (hábito dos primeiros princípios práticos, que inclina o homem para a busca do bem, na medida em que evita o mal) e a *sabedoria* (hábito de considerar a realidade por sua causalidade última, na medida em que não procura o conhecimento das coisas pelas coisas, mas pelo que elas indicam para além de si, para o que o transcende). A virtude intelectual *prática* inclina o intelecto para o reto juízo, aqui e agora, acerca da ação particular. São virtudes intelectuais práticas a *arte* (a reta razão do fazer) e a *prudência* (a reta razão do agir). **As virtudes morais** se dividem em quatro virtudes, ditas *cardiais*, visto que sobre elas se fundam outras virtudes: a *prudência*, que é virtude racional por essência e se dispõe a aperfeiçoar a razão; a *justiça*, que é racional por participação e dispõe ordenar a vontade; a *fortaleza*, que modera o apetite sensitivo irascível e a *temperança*, que modera o apetite sensitivo concupiscível. Como regra geral, a importância da virtude está em que *ela torna bom aquele que a possui e boa a obra que ele faz* [STh. II-II,q47,a4,c]. Como regra geral, a importância da virtude está em que *ela torna bom aquele que a possui e boa a obra que ele faz* [Sum. Theo. II-II,q47,a4,c].